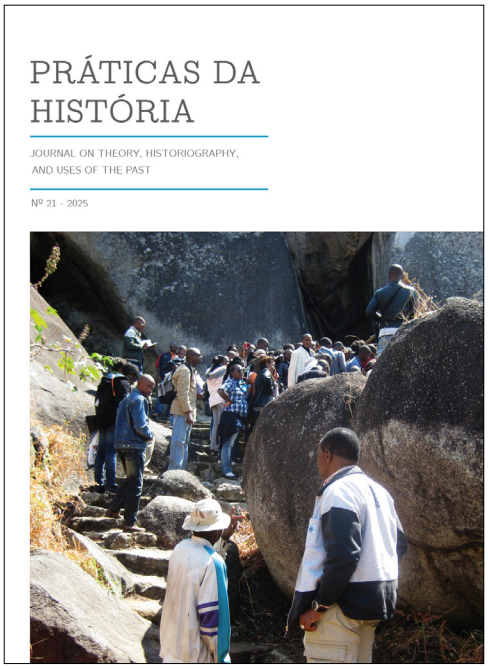


Recensão a *Construtoras de Impérios. Vozes de Mulheres na Expansão Portuguesa*, de Amélia Polónia, coord.

Cátia Teixeira

Práticas da História, n.º 21 (2025): 401-406

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020), UIDP/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020), UID/4666/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025), UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, UID/4209/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) and LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020)

Amélia Polónia, coord.

Construtoras de Impérios. Vozes de Mulheres na Expansão Portuguesa

Lisboa: Temas e Debates, 2025, 528 pp.

Cátia Sofia Teixeira*

A obra *Construtoras de Impérios. Vozes de Mulheres na Expansão Portuguesa*, coordenada por Amélia Polónia e publicada pela Temas e Debates em 2025, surge num momento em que a historiografia da expansão e do império português continua a ser intensamente revisitada, tanto à luz das epistemologias feministas como das abordagens pós-coloniais e da história global. A proposta central deste compêndio, dar visibilidade à participação das mulheres na dinâmica imperial, não é inteiramente nova, mas distingue-se pela amplitude de casos, pela diversidade das fontes utilizadas e pela natureza crítica da reflexão que acompanha os estudos incluídos. Ao recuperar estas presenças femininas, a obra não se limita a corrigir uma omissão historiográfica: procura repensar as próprias categorias de análise que sustentaram a construção secular de um imaginário imperial profundamente masculinizado. Este esforço de reequacionar o campo historiográfico revela uma clara consciência dos limites interpretativos herdados e da necessidade de construir narrativas mais inclusivas, plurais e sensíveis às múltiplas formas de poder.

Desde o início, a coordenação de Amélia Polónia revela sensibilidade para a tensão entre presença e invisibilidade. O livro parte do pressuposto, amplamente defendido pela historiografia de género, de

* Cátia Sofia Teixeira (catia.teixeira90@gmail.com). https://orcid.org/0000-0002-8445-3060. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal

que as mulheres sempre estiveram presentes nos múltiplos cenários da expansão, quer na metrópole, quer nos espaços coloniais, mas que as condições materiais e discursivas da produção do arquivo as tornaram menos visíveis ou até deliberadamente omitidas. A obra não recorre a um discurso meramente laudatório das figuras femininas, nem se limita a apresentar exemplos isolados; procura antes compreender criticamente os contextos sociais, políticos e imperiais que moldaram as suas trajetórias. Por outras palavras, interroga a própria estrutura epistemológica que permitiu que essas ausências se naturalizassem, alinhando-se assim com uma tendência contemporânea que procura desmontar os mecanismos de silenciamento, entendidos como parte constitutiva do processo imperial. A reflexão sobre o arquivo, sobre o que é preservado, omitido ou transformado pelas vozes dominantes, é uma das dimensões mais ricas do livro e coloca-o em diálogo com preocupações centrais da teoria da História, sobretudo no eixo que problematiza a relação entre memória, poder e narração histórica.

Um dos aspetos mais significativos da obra é a variedade de escalas e contextos analisados. O livro demonstra que o império português não foi um bloco homogéneo, mas um conjunto de realidades heterogéneas, articuladas por redes de poder, comércio, religião e sociabilidade. As mulheres (metropolitanas, africanas, americanas ou asiáticas; livres, libertas ou escravizadas; aristocratas, plebeias ou religiosas) aparecem como agentes dessas redes, desempenhando papéis que vão muito além das classificações tradicionais que as remetiam ao espaço doméstico. A obra evidencia uma pluralidade de funções: mulheres que administravam patrimónios e negócios; que mediavam contactos diplomáticos; que geriam economias informais; que estabeleciam alianças matrimoniais estratégicas; que atuavam como intérpretes culturais; que participavam em redes missionárias; ou que sobreviveram, e resistiram, dentro de estruturas coloniais profundamente violentas.

Esta diversidade evidencia um dos maiores méritos do compêndio: a recusa de uma visão monolítica da experiência feminina no império. Ao invés de uma "história das mulheres" homogénea, o que se oferece ao leitor é um mosaico de experiências marcadas pela interseção entre

género, raça, estatuto jurídico, classe, religião e localização geográfica. Esta abordagem, embora nem sempre explicitamente teorizada em todos os capítulos, aproxima-se dos debates contemporâneos sobre a multidimensionalidade social e permite compreender os modos como a agência feminina não pode ser lida de forma isolada, mas como resultado de múltiplas relações de poder. Ao mesmo tempo, o livro convoca o conceito de agência numa dimensão não romântica: não se trata de recuperar figuras heróicas, mas de reconhecer espaços de atuação, por vezes mínimos, ambíguos ou contraditórios, a partir dos quais as mulheres negociavam a sua sobrevivência e influenciavam o funcionamento quotidiano do império.

Do ponto de vista metodológico, o livro destaca-se pela riqueza documental. Os autores recorrem a cartas, testamentos, processos inquisitoriais, registos judiciais, documentação eclesiástica, escrituras notariais e relatos de viagem, entre outros. Este ecletismo de fontes permite não só traçar trajetórias individuais, mas também evidenciar dinâmicas estruturais que escapam ao olhar centrado exclusivamente na elite política e militar. A crítica interna das fontes, e dos seus silêncios, é um elemento recorrente na obra, que demonstra consciência dos limites e potencialidades do arquivo colonial. Em diversos momentos, percebe-se como as mulheres surgem apenas de forma indireta, mediada por discursos masculinos, o que exige dos investigadores um exercício interpretativo delicado, mas necessário, para reconstruir as suas vozes. Essa capacidade de extrair sentido historiográfico de fontes fragmentárias ou enviesadas é um dos pontos fortes do livro, e reforça o seu contributo para o campo investigacional da História.

Apesar dos muitos méritos, alguns aspetos merecem problematização. Em certos capítulos, nota-se uma tendência para privilegiar a narrativa descritiva em detrimento da reflexão teórica mais aprofundada, o que, por vezes, atenua o potencial crítico que a obra globalmente ambiciona. Embora o livro dialogue com debates relevantes, como a crítica ao eurocentrismo, a centralidade das mulheres na história global ou a revisão das categorias de agência e de poder, há momentos em que seria útil explicitar mais claramente os pressupostos teóricos que

orientam as análises, sobretudo quando se trata de interpretar fontes marcadas por assimetrias de género e de poder. Esse maior cuidado teórico permitiria aproximar ainda mais o volume das linhas centrais da historiografia feminista e dos estudos pós-coloniais, reforçando o diálogo com autores e abordagens que problematizam de forma sistemática a construção das categorias de "império", "civilização" ou "expansão", tantas vezes utilizadas como naturalizadas.

Outro ponto que pode ser discutido é a distribuição geográfica dos casos de estudo. Apesar da intenção de abarcar diversos espaços do império, nota-se uma concentração maior em certos territórios, com outros a surgirem de forma mais marginal. Isto não compromete o valor global do livro, mas sugere que o campo investigacional ainda tem espaço para investigações mais sistemáticas sobre regiões menos estudadas, especialmente no que se refere às experiências femininas não europeias dentro do império português. Esta limitação, contudo, pode ser lida mais como uma indicação das lacunas historiográficas existentes do que como falha da obra em si, revelando antes a necessidade de aprofundar futuras pesquisas que integrem uma maior diversidade de contextos coloniais e permitam comparações mais amplas no quadro imperial, enriquecendo assim o entendimento das múltiplas dinâmicas que configuraram o espaço ultramarino.

Apesar destas questões, *Construtoras de Impérios. Vozes de Mulheres na Expansão Portuguesa* constitui um marco importante na renovação da historiografia da expansão portuguesa. A obra não apenas recupera vozes silenciadas como também problematiza a natureza desse próprio silêncio, evidenciando a forma como a produção do conhecimento histórico esteve, durante séculos, condicionada por critérios de relevância profundamente marcados por hierarquias de género, raça e estatuto social. Ao devolver agência a sujeitos historicamente marginalizados, a obra força o leitor a confrontar-se com os limites das narrativas tradicionais e a reconhecer que a História, enquanto disciplina, é igualmente um campo de disputa simbólica. A obra convida, assim, a uma reflexão crítica sobre os modos como o conhecimento histórico é produzido, validado e transmitido, questionando as naturalizações

que moldaram o imaginário imperial português e desmontando a ideia de que o império foi uma construção exclusivamente masculina, racional e teleológica. Este impulso crítico aproxima claramente a obra das preocupações metodológicas e epistemológicas contemporâneas, nomeadamente aquelas que procuram repensar o papel da História como instrumento de problematização do passado, em vez de reafirmação celebratória de mitos identitários.

O contributo da obra excede, portanto, o domínio estrito da história das mulheres; inscreve-se num esforço mais ambicioso de reformular a compreensão do império português como fenómeno heterogéneo, interconectado e plurivocal. Ao articular escalas locais e globais, e ao revelar a forma como as práticas quotidianas das mulheres, muitas vezes invisíveis na documentação tradicional, sustentaram, reconfiguraram ou tensionaram a lógica imperial, a obra contribui para desmontar leituras simplificadoras e unidirecionais. Mostra que o império se construiu também através de gestos pequenos, relações sociais densas, negociações culturais e estratégias de sobrevivência que escapam à macronarrativa clássica das "descobertas" e da "expansão". Ao evidenciar o papel das mulheres nas redes de sociabilidade, na economia formal e informal, na circulação de bens materiais e imateriais, nos processos de mediação cultural e até em esferas de poder aparentemente inacessíveis, a obra amplia o repertório de agentes históricos e reforça uma imagem do império como entidade permeável, instável e negociada.

Trata-se, assim, de um livro que abre caminhos fundamentais para uma leitura mais complexa e crítica do passado imperial, contribuindo para um campo historiográfico em plena transformação. A sua relevância estende-se não apenas aos investigadores de história global, história social, estudos de género e história do império, mas também a todos os que se interessam pelas questões epistemológicas que atravessam a disciplina histórica, especialmente no que diz respeito à relação entre memória, poder e narrativa. Ao mostrar que as categorias de género moldam não só o passado, mas também as formas como escrevemos e interpretamos esse passado, o livro assume uma função pedagógica importante: lembra-nos que o trabalho historiográfico exige

permanente vigilância crítica, capacidade de desconstrução e abertura a novas perguntas. Por isso mesmo, *Construtoras de Impérios* afirma-se como uma obra incontornável para qualquer reflexão séria sobre os desafios de repensar a História à luz das vozes que durante muito tempo permaneceram na margem.

Referência para citação:
Teixeira, Cátia Sofia (2025). "Recensão a *Construtoras de Impérios. Vozes de Mulheres na Expansão Portuguesa*, coord. Amélia Polónia.". *Práticas Da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, (21), 401-406. https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n21.44170